





CRISTINA QUADROS

O Fórum Estudante 89 levou à F.I.L. durante 5 dias a maior avalanche de juventude que alguma vez se viu neste país - 200 ml adolescentes que não foram a Lisboa a um concerto rock, à praia ou acampar, mas estavam lá simplesmente porque estão preocupados com o seu futuro escolar e profissional. Aliás, tirando esta preocupação que o ligava e o facto de serem adolescentes, pareciam não ter mais nada de comum. Eles tanto tinham 13 anos como mais de 20, eles eram altos, gordos, rurais, nortenhos, lindos, argalvios, baixos, magros, vanguardistas, queques, tímidos e atrevidos.

Foi a maior lição que a juventude pode dar aos mais velhos. Quem diz que ela não se interessa? Talvez não sejam muitos os que se interessam por ela. Aqui ficam os parabéns ao Centro Universitário Padre António Vieira pela iniciativa. Mas o que foi o Fórum?



No Fórum estavam mais de 350 espaços compreendendo a alternativas a que os estudantes têm acesso após o 9º ano de escolaridade e até final da sua formação escolar e profissional. Quando chegam ao 9º ano os estudantes pensam que podem tirar um curso técnico-profissional ou profissional (que não sabem bem o que é mas ouvirem dizer que era para não estudar muito), ou continuar os estudos para entrar para a universidade onde há cursos de medicina, engenharia, direito, de professor e nada mais. No Fórum foram mostrados todos os cursos que um jovem pode fazer neste país. Informação sobre os cursos superiores, médios, técnico-profissionais ou profissionais e ainda que há

bolsas para estes cursos, sem que o aluno seja um daqueles que tem notas brilhantes. Além destas opções, deram-se a conhecer cursos privados ou estatais sobre quase tudo o que se passa na nossa imaginação: estilismo, cerâmica, restauros, fotografia, dança, academia de polícia, hotelaria, etc, etc, etc. As disposições dos vários espaços era feita de acordo com 8 áreas que iam desde agricultura, à psicologia, desporto a deficientes, militares a artes e informativo a ambiente. Estavam lá representadas todas (quase) as organizações de juventude. Durante 5 dias houve ainda também ciclos de teatro, de dança, de cinema, música e ainda debates sobre saídas profissionais. Os milhares de jovens que lá foram tiveram um dia divertido, recolheram muita informação mas o que é que vão fazer com ela?

O Fórum encontrou alunos em muitas fases do seu desenvolvimento vocacional. Para uns foi o confronto de centenas de profissões, um leque alargadíssimo que vão ter de reduzindo gradualmente de acordo com as suas aptidões, interesse e preferências. Aqui há um despertar para a importância de pensar no futuro e de fazer tentativas de planos. Surge a curiosidade pelas profissões. Para outros, há já uma selecção de informação e pretendem explorar as várias alternativas para ir fazendo uma selecção até chegar à tomada de decisão. Para esta tomada de decisão é necessário informação sobre a carreira e o mundo do trabalho: como se chega àquele

curso, em que se trabalha no fim, como se consegue emprego, etc. De modo geral o Fórum respondeu a estas perguntas ou pelo menos mostrou que havia necessidade de se procurarem as respostas. É importante referir também que para muitos cursos há bolsas de estudo e que não é preciso viver nos grandes centros ou ser milionário para seguir a profissão desejada. Mas o que o Fórum tema ver connosco, escuteiros? Com a nossa ausência mostrámos claramente que vivemos fora da realidade. Podemos-nos escandalizar quando um sénior ou camarinheiro falta às reuniões ou ao acampamento da Páscoa e pior ficamos quando ele pura e simplesmente deixa os escuteiros quando chega ao 12º ano. E quando são os putos dos primeiros anos do liceu que faltam para estudar? O que se passa? Está tudo doido? A juventude não pensa em mais nada que não seja estudar? Porque é que eles não querem saber dos escuteiros? Ser escuteiro já não lhes diz nada? Isto está mau, não está? Mas se o escutismo foi criado para tirar os miúdos da rua e dar-lhes algo para fazer, agora tem de ser recriado para poder rivalizar não só com outras actividades a que eles têm acesso mas também com a escola. Como? Usando o velho ditado "Se não os podes vencer, junta-te a eles". Se são os estudos e o futuro profissional que preocupa os jovens, porque não fazer actividades neste sentido, convidando profissionais a dar o seu testemunho, fazer actividades em que os elementos contactam com as profissões, incentivando-os a seguir a profissão que querem sem se deixarem levar por modas ou opiniões de outros. Porque não procurar as bolsas que se podem obter para determinados cursos para permitir a um ou outro elemento a hipótese de continuar estudos. Vamos recriar o escutismo e aproximarmo-nos da realidade.

CILA RODRIGUES

Os problemas inerentes à criança não são uma característica do nosso tempo nem são mais uma das consequências negativas da evolução e progresso que se tem feito sentir nas últimas décadas. Remontam à escuridão dos tempos, à idade das trevas e as suas diferentes manifestações conjugam-se com as diferentes concepções de infância que se têm sucedido ao longo dos tempos. Durante muito, muito tempo, à criança não era prestada qualquer tipo de atenção especial, era considerada consoante a classe social a que pertencia, e se esta era baixa largava-se à indiferença, mas se pelo contrário pertencia, a uma classe social e economicamente alta, a criança era mimada e instruída, preparando-se para um futuro de poder e riqueza. Acontecia, por vezes, uma criança pobre servir uma criança rica. Assim, não era feito qualquer esforço que visasse melhorar as condições da criança, não havia sequer qualquer movimento de crítica à precária situação em que se encontrava. Actualmente, e de à umas décadas para cá, tem-se assistido a um crescente movimento de atenção à infância em geral, e às crianças vítimas de abusos de toda a ordem, em particular. Esta atenção, traduz-se numa divulgação de informações sobre o assunto, numa acção de investigação, mais ao menos activa, e numa tentativa de prevenção da qual, infelizmente não vemos frutos, senão talvez num futuro que se afigura demasiado longínquo. "... As moedas não tapavam o fundo das algibeiras; mas os projectos transbordavam dos cérebros infantis. No dia seguinte abria a feira, ia haver toiradas, circos e cavalinhos... O mestre continuou - Guedelhas! — Pronto! O moço saiu cabisbaixo, a contar a fêria que os irmãos e o pai, desempregado há dois meses,

mão de obra que lhes é fácil e barata, num claro desafio à legislação em vigor e à própria opinião pública e num total desrespeito com a criança e pelo o que ela representa. A fiscalização tem falta de meios para actuar com eficácia, nas fábricas as crianças escondem-se (ou são escondidas...) e as multas que podem ser de muitos contos não permitem assustar os patrões, que sabem ser rentável empregar uma criança, pagar-lhe um salário ridículo e não assumir quaisquer encargos sociais. Pois é... as pressões familiares, a fome e a miséria obrigam a criança a procurar emprego (por vezes até sem a escolaridade obrigatória cumprida), a criança é explorada indecentemente, a fiscalização defende a criança, esta deixa de sofrer os abusos dos patrões e volta às mesmas condições, aqueles que a levaram a trabalhar. É um círculo vicioso. Assim, assistimos a um fenómeno de "emigração" das aldeias, dos subúrbios, da pobreza e da fome para a cidade, para as fábricas e empresas. E aqui que a coisa começa a assustar mais: algumas empresas pela sua grandza dão o triste exemplo de ter ao seu serviço crianças subalimentadas, raquíticas, algumas com mais de 14 anos mas parecendo ter muito menos. O Trabalho infantil é um problema permanente, apesar de existirem acções de fiscalização e uma forte pressão da opinião pública contra essa situação. E, se por um lado a criança necessita, por razões já apontadas, de ganhar algum dinheiro transformando-se "... num pequeno homem que nunca foi menino" e sujeitando-se às piores condições de alojamento no local de trabalho, má alimentação, horários exorbitantes, remunerações injustas e insuficientes, ausência de segurança contra acidentes de trabalho e de protecção de saúde da criança (exemplo do sector das colas, altamente perigoso, que emprega uma enorme quantidade de crianças), o risco de aquisição de uma maturidade precoce, imperfeita e desajustada ao mundo infantil e que deforma a personalidade futura. Por outro lado os sectores de indústria - fábricas, pedreiras,... garantem



Há que impedir o escândalo do trabalho "infantil", mas há que dar alternativas à criança e impedir os abusos que a própria sociedade, em si, faz com ela. A criação de mais cursos de formação profissional em zonas degradadas ou em zonas de difícil acesso, como sejam as zonas rurais, cursos gratuitos divulgados de forma directa nas escolas, às próprias crianças, de modo a que elas se interessem. O trabalho infantil é um problema real, uma situação que preocupa todos, a nós escuteiros que pensamos nos outros, que damos valor máximo à formação dos jovens e alternativas mais positivas de futuro.

MANUEL AUGUSTO ANTUNES

BAGUNTE NÃO SABEMOS O QUE FOI NUNCA LÁ ESTIVEMOS LOGO NUNCA EXISTIU

Alguns mistérios perduram na vida do C.N.E., um dos mais interessantes relaciona-se com a amnésia de que padece a memória colectiva do C.N.E. por tudo o que se relacione com a realização de Acampamentos Nacionais. Encontramo-nos a 18 meses da realização dessa grande catarse colectiva ou se preferirmos gigantesca terapêutica de grupo a que de 4 em 4 anos nos damos ao gosto e prazer de promover. Todas as condições necessárias para o fracasso começam a estar reunidas, ditas talvez pelo fatalismo e predestinação tão próprias da alma portuguesa que decididamente contagiaram o C.N.E. Normalmente existem dois tipos de visão sobre os Nacionais: a catastrofista, e a escutista-porrerista, ambas incorrectas, a primeira por ser extremamente reducionista em que se pretende fazer dos nacionais o espelho das actividades e vida do movimento nos quatro anos precedentes, a segunda tonta e simplista porque confunde convivência com acção educativa e ocupação dos tempos livres com escutismo. O esquecimento colectivo referido inicialmente terá certamente a ver com a consciência da culpa colectiva, eu, pessoalmente, como de culpas já vou farto, gostaria de adiantar algumas reflexões possíveis de forma a que se contrarie o triste destino a que votamos os milhares de jovens que aderem a essa grande actividade nacional todos os quatro anos.

Qual o Objectivo dos Nacionais em 1991/1995? Grande encontro em festa com conteúdo educativo individualizável, enquadrado nas propostas educativas. Não é ponto de partida nem de chegada de coisa nenhuma. Acção satélite forte comum ao C.N.E. multifacetado plural e comunitário.

Que dimensão? A dimensão do C.N.E. real apelativo jovem vivo e em crescimento. Quais os meios humanos? - Equipa Nacional indicada pela Junta Central e completada pelo C.N.R. - Comprometimento das estruturas intermédias do C.N.E. - Todos os Recursos Humanos já experimentados em Nacionais anteriores. Qual o investimento financeiro? Os Nacionais pela sua dimensão são actividades geradoras do seu próprio financiamento (títulos, vendas, patrocínios, etc.). Quando Começar a preparação? No primeiro Conselho Nacional a seguir ao arrear das bandeiras e da "canção do adeus" do último. Ainda estamos a tempo de salvar o Nacional de 1991? Se fomos catastrofistas a resposta será não, se embarcarmos no escutista-porrerista os nacionais até se organizam nos 3 meses anteriores. Muito racionalmente coloco desde já as minhas sérias dúvidas à possibilidade de no tempo útil que nos resta nos possamos salvar de mais uma desgraça, no entanto o escutismo dá sempre um pontapé no IM do impossível. Nota final

Nesta data dou início a uma grande campanha "Salvem os Nacionais" para que eles, qual mamute pré-histórico agonizante não se extingam desastrosamente em 1991, conteúdos serão bem recebidos na redacção da MENTE.



JOSÉ LUÍS MALAQUIAS

É como vos digo, hoje em dia o que está a dar é a firmeza!... Quem teve oportunidade de ler o último número do MENTE teve ocasião de assistir à brilhante forma como coloquei os órgãos deste jornal entre a espada e a parede. Em total desespero de causa, tentaram-se penitenciar da atitude indisculpável que tomaram. Nos dias que antecederam o Natal, aquilo é que foi: os presentes choviam em minha casa - bacalhau, bolos-rei, garrafas de vinho do porto, champagne, whisky, sumol, etc. - todos acompanhados por um cartãozinho muito simpático, assinado pelo MENTE (estavam a ver se a coisa ia com mezinhas). Tal como eu previa, os rapazes acabaram por ser chamados à razão e aperceberam-se da grossa asneira que haviam cometido. Em boa hora o fizeram; já tinha convites para ir escrever na TIME, na NEWSWEEK, no L'EXPRESS, no CORREIO DA MANHÃ e n' O CRIME. Mas, enfim, decidi dar-lhes mais esta oportunidade e ficar. Decidiram atribuí-me o posto de correspondente no estrangeiro. Inicialmente pensaram na Sibéria, mas depois achou que o dinheiro não chegou e mandaram-me só para Moscovo.



E é assim que agora vos escrevo daqui, da Praça Vermelha, de um pequeno calé situado em frente ao mausoléu de Lenine. Ao fundo da praça, distingue o Kremlin, onde hoje me foi concedida uma entrevista pelo secretário geral do PC soviético, Mikhail Gorbachev. Eis alguns extractos dessa entrevista: MENTE - Senhor Presidente, gostaria de lhe perguntar quando é que pensa autorizar os escuteiros a entrar aqui na União Soviética? GORBACHEV - Escuteiros, você está mas é doido! Acha que já não tenho chaticeos que cheguem? Agora ainda me quer vir pôr escuteiros em cima! M. - Mas não considera que os escuteiros dão uma nova dinâmica à sociedade. G. - Isso é que era boloi!... No estado em que o escutismo anda, não dá dinâmica a ninguém. Tirando algumas raras excepções, o escutismo entrou em estado de estagnação. Diria mesmo que está mais necessitado de

desterrada mente. E os tipos, na altura, também costumavam dizer que o partido ia muito bem porque crescia o número de membros e de representações. Mas, depois, viu-se como é que foi. Só havia fachada. Faltava substracto, os alicerces não eram sólidos e o prédio desmoronou-se num instante. Com o vosso escutismozinho de trazer cá por casa passa-se o mesmo. Criam-se Agrupamentos, inscrevem-se putos em quantidades industriais, fazem-se actividades grandiosas em que os uniformezinhos impecáveis a brilhar ao sol aparecem em todas as televisões, jornais e rádios do país. Mas depois não são criadas novas soluções, novas alternativas, e o pessoal encara o escutismo como um mero passatempo. Depois acabam por se chatear, vão-se embora, e lá vão vocês recrutar mais uns tantos escuteirinhos para "queimar". Diga-me a verdade, há quanto tempo é que não vê um miúdo entrar em lobito e terminar em camarinheiro (já não digo dirigente). Não, decididamente, para parvoeiros prefiro cá as minhas juventudozinhas do partido, que sempre são menos pretensiosas do que vocês. Como é evidente, nem sequer respondi a estas provocações baixas. É o tipo de ideias que só podem vir de anarquistas (como aqueles revolucionários de meia tigela da redacção do Mente), cuja única intenção é debitar abaixo o sistema que nós construímos. Pessoalmente, até não acho que uns desfilizitos aqui na Praça Vermelha, com os putos fardados a rigir e a marchar cartinhos, seria muito mau. Até parece que já estou a machar, a nosso bem amado Chefe Nacional ali a machar à frente dos seus lobitos em direcção ao Kremlin e os camarinheiros a prestar guarda de honra numa atitude disciplinada de subordinação às cúpulas. Que maravilha!... Mudámos então de assunto e começámos a analisar a personalidade do nosso fundador. Questionei-o sobre se também considerava Baden-Powell um pretensioso. G. - Eu? Claro que não, é dos tipos que eu mais admiro. O homem tinha uma cabeceinha muito jeitosa. E criou o que, na altura foi uma coisa excepcional. Mas, também era ali uma coisa de se lhe tirar o chapéu; vinha gente de toda a parte e a Praça Vermelha, que aqui vê, não chegava sequer para desfilas. Havia colunas do partido em todos os bairros, fábricas, escolas, universidades, academias, etc. e todos os anos surgiam mais umas tantas.

AS FASES DE DESENVOLVIMENTO DAS INSTITUIÇÕES

Em 1977, num relatório apresentado à "U. S. National Science Foundation", Duane Elgin, especialista em sociologia do futuro no "Center for the Study of Social Policy" (Centro de estudos de Política Social) do "Stanford Research Institute" da Universidade de Stanford, na Califórnia, atribuiu a fiscalização defende a criança, esta deixa de sofrer os abusos dos patrões e volta às mesmas condições, aqueles que a levaram a trabalhar. É um círculo vicioso. Na referência análise, o crescimento de uma instituição passa por quatro fases sucessivas: 1ª Fase: Fase ascendente ou era da confiança. A instituição desenvolve-se em ritmo acelerado, e acredita nos valores em que se alicerça o "sistema" em que ela se enquadra. 2ª Fase: Fase de rendimento máximo ou era do racionalismo. A instituição entra num "ritmo de cruzeiro" que lhe permite rentabilizar de forma optimal as estruturas já existentes. A rigor, não necessitaria de se desenvolver muito mais nem de continuar a complexificar as suas estruturas. Contudo, sob a pressão da concorrência e da filosofia de base do "sistema", acaba por fazê-lo... 3ª Fase: Fase da deseconomia ou era do cepticismo. As estruturas atingiram um tal grau de complexidade que, em vez de se tornarem efectivamente mais racionais, são pelo contrário cada vez mais difíceis de gerir. A gestão de uma instituição nesta fase exige um investimento exagerado ao nível do esforço de gestão e de controle, e certamente desproporcionado em relação aos resultados que produz. Nesta fase, o público deixa de compreender o funcionamento das instituições; aos olhos das suas vítimas, estas surgem como algo completamente incontrolável e falho de toda a credibilidade. 4ª Fase: Fase de ruptura ou era do desespero. Finalmente, a instituição torna-se completamente incontrolável e desmorona-se em conjunto com o "sistema" que lhe serviu de base, no meio indescritível confusão e do caos absoluto. Quem quiser a puder experimentar. Quem e fizer, e se fizer favor, transmita-nos o resultado das suas meditações. Adaptado de "Le Nouveau rêve américain: la simplicité volontaire", por Sylvie Crosman, em "Le Sauvage", 1979. N.R. - Este texto é de uma carta que o João Paulo Feijoo nos escreveu, há cerca de dois anos, sobre "... as "fases" que o Mente poderá atravessar... ou não!". Pode ser a base para uma análise crítica da nossa sociedade e, para o que aqui mais interessa, do nosso escutismo. Do Mente também, claro! Quem quiser a puder experimentar. Quem e fizer, e se fizer favor, transmita-nos o resultado das suas meditações.

JOAQUIM FELÍCIO

Teremos que também nós fazer com que caia O MURO. Por mim, ou melhor por nós, estamos dispostos a dar um empurrão. Todos nós no início de 90 fomos tentados ou levados a efectuar uma retrospectiva/balanco do que tinha sido o ano que chegava ao fim em simultâneo com a década de 80. Para complementar este exercício individual, jornais, rádios e televisão apresentaram-se em nos dar um rol completo e exaustivo de tudo quanto foi marcante no ano e na década. De tudo foi recordado: de catástrofes naturais, aos acidentes mais brutais, dos atentados sempre condenáveis, às conquistas mais espectaculares da ciência e do Homem, do desmoronamento de algumas ditaduras à persistência de todos quantos teimam em negar ao homem aquilo que ele tem de mais sagrado - a própria vida. Recordamos tudo isso, como algo que nos parece ter acontecido ontem ou talvez à uma semana. O tempo apresenta-se assim condensado, breve, quase sem sentido. Mas, o que marcou profundamente o ano de 89 e a década de 80 foi, sem qualquer sombra de dúvida, a revolução operada na difusão da informação. O ritmo alucinante nas inovações tecnológicas, possibilitou, se se dessem passos de gigante no domínio da difusão da informação, verificando-se uma enorme influência sobre a vida de todos nós. Poder-se-á então concluir que se tratou da década da comunicação. Ninguém pode ficar ficar indiferente; são exemplos disso os movimentos pela democratização nos países do Leste europeu. Pudemos, quase que em directo, assistir à queda do muro de Berlim, acontecimento que todos consideraram como o evento do ano e da década, tal estava distante das mentes mais optimistas. Graças à difusão da informação assistimos e partilhámos desse momento em que história estava em construção, viva e activa. Tudo isto marca indubitavelmente a nossa maneira de estar e de ver as coisas, porque o tempo e o espaço estão agora muito mais próximos. Apesar de tudo isto, e do CNE ser apenas um micro-universo, poder-se-á também fazer uma retrospectiva do que foram os anos 80 em geral e de 89 e particular. No entanto ficou dito, sou o fazer aqui e agora. Pelo que atrás ficou dito, sou tentado no entanto, a fazer uma comparação, que embora peque por defeito, não deixa de ter a sua